

NOTA DE ABERTURA

O NOVO DIRECTOR-GERAL DOS IMPOSTOS

J.L. Saldanha Sanches

A nomeação de um novo director-geral dos impostos com a manutenção do ordenado que auferia no seu anterior lugar não foi, todos sabemos, uma solução muito feliz.

Mas tem uma importante virtude: demonstrar que é inteiramente impossível encontrar alguém à altura daquela tremenda tarefa dentro dos quadros actuais de carreira pública. Insistamos: não é possível. E que é essencial ir buscar gente de fora para introduzir um vento de mudança na estrutura administrativa.

Não é que não haja na DGI gente capaz: essa questão é tola.

Há gente capaz e muita. Só que tem sido sistematicamente destruída e inutilizada por uma péssima gestão de quadros acostumada a ver as coisas correrem mal e naturalmente resignada: tal como as coisas têm corrido nos últimos anos a escolha era entre a resignação e a loucura.

É por isso que é essencial que venha gente de fora que traga outra cultura para aquela casa. Com outros hábitos e com outras experiências.

Por isso não é o ordenado do novo director-geral que é muito alto: é o ordenado dos que trabalham directamente com ele –os quadros de topo da FGI – que é demasiado baixo.

E sem isso se resolver nada se resolverá.